

LIVRO E MULTIMODALIDADE: CONCEPÇÕES EM TRÂNSITO NA OBRA DE GUNTHER KRESS

Ana Elisa Ribeiro¹

Resumo

A concepção de *livro* não está dada, e as abordagens para seu estudo podem se alinhar ao que vem sendo chamado de multimodalidade, em especial à luz dos trabalhos de Gunther Kress, na conciliação entre tecnologias analógicas e digitais. Aqui fazemos uma reflexão atenta à obra *Literacy in the new media age*, sobre aspectos ainda pouco discutidos no Brasil. A intenção é iluminar e ampliar proposições que Kress (2003) sugeriu como questões para a leitura e o livro no século XXI. Diante das possibilidades de materialização dos livros - para *smartphones* e *e-readers*, por exemplo -, destacamos o fato de as telas serem hoje fundamentais para o consumo de textos e discursos. O *livro* é abordado numa concepção plural, bibliodiversa, evitando fortemente as ideias de competição e exclusividade.

Palavras-chave

Livro. Produção Editorial. Livro Digital. Multimodalidade.

Abstract

The concept of a book is not given, and the approaches to its study can be aligned with what has been called *multimodality*, especially influenced by the work of Gunther Kress, in the conciliation between analog and digital technologies. Here we make an attentive reflection on his book *Literacy in the new media age*, on aspects that are still little discussed in Brazil. The intention is to illuminate and expand propositions that Kress (2003) suggested as questions for reading and the book in the 20th century. Given the possibilities of materialization of books - for smartphones and e-readers, for example -, we highlight the fact that screens are now fundamental for the consumption of texts and speeches. The book is approached in a plural, bibliodiverse conception, excluding the ideas of competition and exclusivity.

Keywords

Book. Editorial production. E-Book. Multimodality.

¹ Professora titular do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens e do Bacharelado em Letras (Tecnologias da Edição). Doutora em Linguística Aplicada. Agradecimentos ao CNPq pelo fomento ao projeto “Tecnologias do livro e multimodalidade”. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4422-7480>; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7474445800716834>; anadigital@gmail.com

Livro, leitura e multimodalidade

As práticas contemporâneas da leitura estão na pauta do dia, o que inclui a observação e o exame das apropriações que a cadeia produtiva do livro - ou as redes de edição, como preferimos com Martins (2005) - faz de novas tecnologias para a produção desse objeto. O debate tem implicações diretas para a leitura como prática social, mas também para o campo da produção editorial, a comunicação e a educação, neste último caso, em especial no que se relaciona a aspectos dos *letramentos*² que precisam levar em conta o que as tecnologias mais recentes trazem para nossa “paisagem comunicacional” (KRESS, 2003), cada vez mais complexa e dinâmica. Ademais, durante a crise sanitária que assolou o mundo a partir de 2020, foi possível observar, inclusive no Brasil, um incremento de leituras em tela, assim como a ampliação do consumo de livros digitais³, o que só reforça o interesse pela pesquisa sobre livro e leitura.

De início, é interessante considerar que, do ponto de vista dos processos editoriais, afóra se houver opção por algum modo de impressão de fato mecânico, como a tipografia, por exemplo, qualquer produção editorial já será ao menos semidigital, uma vez que terá origem, desde o arquivo escrito, em computadores. O que se discute aqui, então, não é esse aspecto já amplamente informatizado da edição de livros, mas a geração de um produto que se diferencia, basicamente, em sua etapa de distribuição e consumo, sua forma relativamente nova ou estável, assim como, principalmente, o que ele agora provoca nas práticas de leitura, e vice-versa, quando consideramos as várias tecnologias pelas/nas quais um livro pode existir e existe, hoje. A pergunta que sobrevém, portanto, é: o que é um livro, agora? - dado que a questão já não é óbvia (se já o foi).

Em trabalhos anteriores, as concepções de livro já vinham sendo consideradas fundamentalmente instáveis e dinâmicas (RIBEIRO, 2010; 2010a; 2011; 2012), isso percebido desde um ponto de vista que evita prescrições e busca, isso sim, analisar práticas sociais e imagi-

² Pensamos na noção de *letramentos* como uma abordagem às questões de leitura e escrita, suas práticas, seu ensino e sua aprendizagem, que vão além da alfabetização e dizem respeito a elementos mais amplos, a apropriações, usos e a tecnologias. O termo chegou ao Brasil na década de 1980 e o debate se estende até os dias de hoje. Houve rediscussões na direção do uso no plural, *letramentos*, depois passando a uma nova discussão, a dos *multiletramentos*, hoje hegemônica, inclusive fundamentando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da educação brasileira. Para aprofundamento, ver, por exemplo, o já clássico livro de Kleiman (1995) ou toda a obra da professora Magda Soares.

³ Ver, por exemplo, na revista Exame (<https://exame.com/casual/autoajuda-e-financas-quais-os-livros-mais-vendidos-na-pandemia/>), em 30/07/2020; no G1, em 23/07/2020, sobre vendas on-line como saída para as livrarias fechadas (<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/07/23/livrarias-de-volta-lojas-reabrem-com-vendas-70percent-menores-dividas-com-editoras-e-socorro-digital.ghtml>); ou em 11/08/2020, uma matéria, também no G1, sobre e-books mais vendidos durante a quarentena (<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2020/08/11/quarentena-aquece-mercado-de-e-books-ficcao-e-autoajuda-sao-os-mais-procurados.ghtml>).

nários do livro na atualidade. Era intenção mostrar objetos que vêm sendo produzidos como livros, embora se distanciem, por vezes muito, dos objetos folheáveis ou mesmo legíveis com que vimos lidando há mais tempo. Tal perspectiva de observação e análise nos parece bastante alinhada à abordagem multimodal que Gunther Kress ensaiou, especialmente em sua obra de 2003, mas esparsamente também em outras, ao tocar no tema do livro. Estão sob exame, também, os elementos ou parâmetros empregados para se definir o que seja um livro, isto é, se o conteúdo é o *livro*, se a tecnologia é o livro, se as combinações entre eles são o livro, e assim por diante.

Embora pareça corriqueiro lidar com livros, ao ponto de também parecer desnecessário pensar e pesquisar sobre eles, um sobrevoo por definições de *livro* oferecidas por instituições e autoridades no tema, nas últimas décadas, pode dar melhor noção dos deslocamentos e dos deslizamentos dessas descrições, ou simplesmente de suas operacionalidades em busca de objetividade ou de interesses ligados a aspectos econômicos e/ou políticos. A quem interessa que um *livro* seja isto ou aquilo? Sempre há interesse, uma vez que um livro, como amplamente discutido na bibliografia clássica sobre o tema, é, a um só tempo, objeto cultural de valor tanto simbólico quanto econômico. A isso somamos algumas ideias de Gunther Kress, em alguns de seus trabalhos, ainda que lateralmente (é justo aí que se pretende expandir a questão). Sua abordagem multimodal pode se aplicar a partir desta citação, por exemplo, quando os autores buscam explicar o que seja *multimodalidade*:

(...) o uso de diversos modos semióticos no design de um produto ou evento semiótico, juntamente com a forma particular como esses modos são combinados - eles podem, por exemplo, se reforçar (“dizer o mesmo de maneiras diferentes”), desempenhar papéis complementares (...) ou ser ordenadas hierarquicamente (...). (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 20)

Já os *modos* seriam “recursos semióticos que permitem a realização simultânea de discursos e tipos de (inter)ação” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 21-22). Nos estudos de livros ilustrados impressos, por exemplo, é usual discutir a relação palavra/imagem sobre bases outras, ainda sem uma incursão pelo trabalho de Kress e Van Leeuwen, ausência que, a nosso ver, poderia ser corrigida, ampliando abordagens e mesmo epistemologias para pensar o livro, e não apenas o impresso, já que a multimodalidade se desdobra também, e principalmente, em reflexões sobre as telas e sua importância capital em nossas práticas atuais de leitura e escrita. Isto é: considerar o livro em todas as suas apresentações e possibilidades, hoje, é imperativo, mesmo que o debate sobre o tema costuma assumir um tom de “defesa” de uma tecnologia *contra* a outra. É o que temos considerado contraproducente.

O que é um livro?

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco assim define *livro*, em um de seus documentos de referência: “Publicação não-periódica impressa de no mínimo 49 páginas, além da capa, publicada no país e disponibilizada ao público”⁴. Afora os objetos que se enquadrem nessa descrição objetiva, os demais serão considerados *folhetos*. As estudiosas portuguesas Faria e Pericão (2008), no *Dicionário do Livro*, oferecem, além do verbete livro, mais de três centenas de outros adjetivados (p. ex. livro de horas, livro bifoliado, livro de tabuinhas, etc.). São doze páginas de verbetes, além da definição geral (com um desenho esquemático da morfologia do livro)⁵:

Conjunto de cadernos, manuscritos ou impressos, costurados ordenadamente e formando um bloco • obra, científica ou literária, que forma ou pode formar um volume • cada uma das partes principais em que se dividem os textos dos livros • documento impresso ou não-impresso • transcrição do pensamento por meio de uma técnica de escrita em qualquer suporte com quaisquer processos de inscrição. O livro supõe um suporte, signos, um processo de inscrição, um significado. Integra-se num processo de criação, reprodução, distribuição, conservação e comunicação. Dirige-se a um leitor, possui uma finalidade: a reflexão, o ensino, o conhecimento, a evasão, a difusão do pensamento e a cultura • segundo a agência portuguesa para o ISBN (International Standard Book Numbering), é toda publicação não-periódica com um mínimo de quarenta e cinco páginas e que esteja sujeita a depósito legal • segundo a ISO (International Standard Organization), é publicação impressa não-periódica, com mais de quarenta e oito páginas, sem incluir as da capa, que constitui uma unidade bibliográfica; monografia • exemplar a partir do qual o editor faz a impressão. (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 458-459)

Na mesma obra, o “livro da era digital” aparece com indicação dos verbetes “CD-Rom”, “CD-áudio”, “e-book”, “livro on-line”. O verbete central é “livro eletrônico”, que assim o descreve: “Aquele em que as palavras ou códigos foram substituídos pelos de uma outra linguagem ou código legível por máquina. Surgiu como alternativa ao livro, texto e documento em suporte papel. Usa-se por oposição ao livro impresso” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 467). E, no verbete “*electronic book*”: “em português, livro eletrônico, versão digital de um livro, artigo ou outro documento • aquilo onde ele se lê, isto é, um computador pessoal, de mesa ou portátil, *palm size* ou um *dedicated eBook reader*” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 473).

Já a *Enciclopédia INTERCOM de Comunicação* (INTERCOM, 2010, p. 767) assim define livro: “A palavra *livro* é usada para designar tanto uma criação espiritual quanto um objeto,

⁴ “Non-periodic printed publication of at least 49 pages exclusive of the cover pages, published in the country and made available to the public.” Em http://www.uis.unesco.org/ev.php?ID=5096_201&ID2=DO_TOPIC, acessado em 9 de outubro de 2022.

⁵ Discutimos isso com mais vagar em Ribeiro e Barbosa (2021).

tanto um conteúdo intelectual quanto o seu suporte material”. Albert Labarre é citado para se tecer uma referência aos aspectos do livro que devem ser levados em conta: suporte de escrita, “difusão e conservação de um texto” e portabilidade. Quanto aos formatos, são mencionados o rolo, o códex (cadernos) e o digital⁶. No verbete, o historiador Roger Chartier é evocado para se fazer referência ao fato de que as transformações do livro ocorreram mais em sua mudança do rolo ao códex do que em relação aos tipos móveis; em linhas gerais, a arquitetura do livro novamente se transformou mais recentemente, com a existência de *displays* diferentes do códex, por exemplo, o tablet e outras telas de compleição semelhante.

Não seria difícil oferecer outras tantas definições de livro, menos e mais expandidas, a exemplo da obra de Emanuel Araújo (1986), considerada referência fundamental para a área de editoração ainda hoje no Brasil. Muitas outras descrições e definições existem e já foram compiladas, por exemplo, em Ribeiro (2011; 2018), justamente com o objetivo de desautomatizar o que geralmente concebemos como livro, assim como para criar uma oportunidade de contraste ou de confrontação entre o que se descreve como livro e os objetos que efetivamente circulam socialmente como tais, enorme parte deles desobediente às concepções de dicionário. Nos próprios verbetes de Faria e Pericão (2008), o livro impresso aparece como base inequívoca, talvez por óbvias razões cronológicas, em relação aos livros eletrônicos. Vejamos com mais foco: “Surgiu como alternativa ao livro, texto e documento em suporte papel. Usa-se por oposição ao livro impresso” (p. 467), isto é, o livro eletrônico ou digital seria uma *alternativa* ao papel, existindo *em oposição* ao seu predecessor, o que nos posiciona em uma formação discursiva de teor concorrencial que queremos justamente evitar, a esta altura - e esse giro rumo à conciliação pode ter grande contribuição da abordagem multimodal. Hoje em dia, os dois recursos estão quase hibridizados, em especial do ponto de vista da produção editorial, assim como parecem muito interpolados, do ponto de vista do consumo em telas e em papel pelos leitores⁷.

Intelectuais como Umberto Eco e Jean-Claude Carriere (2010) e Robert Darnton (2010) publicaram obras, já traduzidas no Brasil, em que discutem questões do livro, especialmente em relação às tecnologias digitais que hoje os acomodam. Chartier (1998; 2000; 2002), na esteira dos debates da história cultural, aponta, em diversas obras, a necessidade de que se trate o livro e suas configurações como algo importante para se pensar o leitor, as práticas de leitura e as relações presentes e futuras com os objetos de ler. E nisso estamos

⁶ É interessante notar que o caso do digital é diferente da relação entre rolo e códex. O digital não é um formato, no mesmo sentido que os anteriores. O digital diz respeito à natureza tecnológica, ele está na base da existência de algum formato. Este, por sua vez, no digital, depende do formato do dispositivo que carrega o software. Os livros digitais geralmente “rodam” em dispositivos palpáveis, compostos de metais e plásticos moldados num formato de... livro retangular.

⁷ Discutimos isso em Ribeiro (2020).

completamente de acordo, inclusive porque todos esses autores vêm sendo sistematicamente estudados entre pesquisadores que se interessam pela produção editorial, em especial pelo livro, em diversas áreas do conhecimento.

Todas as tentativas de definição, descrição ou as diferentes abordagens do livro aqui brevemente mencionadas foram colhidas em obras de especialistas voltados à história cultural, à editoração, ao design etc., mas Gunther Kress, semioticista social, pode muito bem ser incluído neste debate, em especial por levar em conta questões de produção de sentido que vão além da palavra, isto é, uma *abordagem multimodal* como a que ele propõe desde pelo menos os anos 1980 leva em consideração a experiência integral da leitura, o objeto que se lê, aspectos multimodais e multicamadas de sua apresentação, assim como, especialmente, a participação de todos os modos semióticos na produção de sentidos, desde os pontos de vista tanto da produção quanto do consumo.

Gunther Kress e o livro

O professor e semioticista social Gunther Kress, um dos nomes mais conhecidos no Brasil no tema da multimodalidade (GUALBERTO; SANTOS, 2019), não costuma ser lembrado por suas incursões e proposições quanto ao livro. É muito mais conhecido por sua abordagem dos textos e do ensino de leitura e escrita para os multiletramentos, especialmente por ter participado do *Manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos* (CAZDEN et al., 1996)⁸, mas não se furtou a debater o livro, em especial na obra de 2003. Nela, admitiu pelo menos dois elementos relevantes para os interesses deste ensaio: “Não é mais possível pensar o letramento de forma isolada de um vasto leque de fatores sociais, tecnológicos e econômicos” (KRESS, 2003, p. 1) e, especificamente quanto ao livro, afirmou ser necessário um “enquadramento conceitual e ferramentas para pensar sobre um campo em *profunda transição*” (KRESS, 2003, p. 8, destaque nosso), isto é, admitiu que ainda são precárias as lentes que usamos para enxergar essas questões.

Kress ensaiou reflexões relacionadas ao livro, que aparecem esparsas e inconclusas em sua obra. A pandemia da Covid-19, que afetou a relação das pessoas com o digital e com as telas, afetou também o livro, sua produção e seu consumo, tornando mais premente o debate sobre aspectos das materialidades desse objeto, assim como dos efeitos para as prá-

⁸ O manifesto da pedagogia dos multiletramentos é um documento assinado por dez estudiosos anglófonos da educação, da leitura e da escrita, nos anos 1990. Tem forte influência no Brasil. A proposta dos autores, entre os quais estava Gunther Kress, passava por uma visão mais integrada e ampla dos textos, inclusive com a chegada de novas mídias. A proposta deles tinha o objetivo declarado de suplementar o debate anterior sobre letramentos e contribuir para a educação do século XXI. Uma tradução brasileira está em: <https://www.led.cefetmg.br/uma-pedagogia-dos-multiletramentos/>. Acesso em: 30 nov. 2022. (Enquanto o Presidente Lula retornava à Presidência da República no Brasil).

ticas sociais de leitura e os letramentos. No prefácio à obra de 2003, Kress mencionava o que chamou de uma “revolução no horizonte da comunicação”, referindo-se ao digital e à leitura em telas. Tal revolução causaria mudanças “nos usos, nas funções, nas formas e nos valores da escrita alfabética” (KRESS, 2003, p. 9⁹), decorrendo daí que a imagem se tornaria o centro da comunicação, e a tela tomaria o lugar do livro impresso, tal como ainda o entendemos. Diante dessa possibilidade, afirmava que haveria, então, não exatamente a substituição de uma tecnologia por outra, mas uma inversão do “poder semiótico” (KRESS, 2003, p. 9), já que, para ele, a tela é o espaço da imagem, não o da escrita, preponderantemente. Também as lógicas de tempo e espaço estariam em xeque, considerando-se uma diferenciação pouco clara (dele) entre página e tela. Para Kress (2003), uma “nova constelação de recursos comunicacionais”, recursos de e para produzir sentidos, emergiria. A escrita se tornaria um elemento *display-oriented* e ficaria mais fácil empregar, em textos altamente multimodais, uma “multiplicidade de modos, e em particular a imagem - parada ou em movimento - assim como outros modos, como a música e os efeitos sonoros, por exemplo” (KRESS, 2003, p. 5). Tais mudanças, até ali deduzidas ou suspeitadas por Gunther Kress, têm relação, é claro, com nossas práticas sociais de leitura, alternando “o potencial de ação representacional e comunicacional de seus usuários” (KRESS, 2003, p. 5), com efeitos em nossos poderes social e semiótico, e em especial na distribuição de tais poderes, mas também já estão em jogo na produção editorial, especialmente a dos livros ditos infantis e na poesia¹⁰, domínios em que a experimentação encontra mais espaço e mais ressonâncias.

Pensar o livro e a leitura hoje demandam também uma viagem ao passado, em especial para observar elementos e acontecimentos anteriores que nos auxiliam a ter uma visão mais ampla desses processos de mudança tecnológica e social. Gunther Kress não se furta a essa mirada retrovisora, indo à época de Milton e Tranpnell, assim como à invenção da prensa e dos tipos móveis. Segundo o autor, a prensa “superou os escribas e suas práticas, mas as tradições deixadas por eles e as formas das elites e não-elites imediatamente colonizaram as novas tecnologias e meios” (KRESS, 2003, p. 83). A recursividade que ele destaca é reiterada na passagem em que afirma: “Sim, os antigos recursos colonizaram as novas tecnologias, mas, ao mesmo tempo, as *affordances* oferecidas pelas novas tecnologias redesenharam os recursos”. Nesse sentido, há um movimento, também hoje observável, no qual o que é novo herda, e o que é antigo coloniza, tal como vemos ocorrer aos livros impressos e digitais, nos

⁹ Todas as traduções livres são minhas

¹⁰ No Brasil, pesquisadoras como Giselly Lima (UFBA), Aline Frederico (UFRJ), Mônica Araújo (UFMG), entre outras, já têm trabalhos relevantes sobre livros digitais endereçados às crianças, tanto considerando adaptações de obras antes impressas quanto investigando obras “nativas digitais”, sob muitos aspectos e em diálogo com pesquisadores/as de outras partes do mundo.

dias atuais. Talvez um tanto inadvertidamente, possamos pensar em exemplos simples, tais como as obras digitais produzidas sob uma estética que ainda faz lembrar os livros de papel, inclusive emulando ou simulando práticas e gestos do impresso, enquanto estes também se valem das referências dos *e-books* ou de ambientes digitais. Tais mudanças nos afetam socialmente, tal como afirmava Kress, para quem o forte aumento dos níveis de multimodalidade nos textos contemporâneos torna essencial que “repensemos nossas noções do que seja a leitura” (KRESS, 2003, p. 141). Por extensão, nos propomos também a repensar o próprio livro, em sua diversidade atual, tecnológica e morfológica.

Em parte de sua obra, Gunther Kress lidava com o leitor jovem, acreditando ser “simplesmente impossível, agora, esperar que os jovens leiam à maneira antiga” (KRESS, 2003, p. 162). No entanto, consideramos que a distribuição do poder semiótico, em nosso contexto latino-americano/brasileiro, deve levar em consideração peculiaridades e contingências que são nossas, como enormes assimetrias e desigualdades não apenas educacionais, mas de acesso a bens culturais de maneira geral, inclusas aí questões do mercado editorial, ainda pouco profissionalizado e capilarizado. De todo modo, para Kress (2003, p. 165), “aqueles que foram socializados no mundo das mídias contemporâneas devem estar mais dispostos a ver as telas como ponto de referência para estratégias de leitura”, trecho que entendemos como hipótese a ser testada, inclusive considerando relevante debater que estratégias seriam essas, por meio de desenhos metodológicos que empreguem, vastamente, investigações de campo junto a leitores/as, observação de práticas e usos, recepção e interação, assim como instrumentos de pesquisa que nos levem a compreender traços de um novo tempo, sem deixar de lado vestígios de eras anteriores (não necessariamente passadas).

Kress usou o livro e a leitura do livro como pontos esparsos da constelação midiática, à luz da multimodalidade. Segundo o autor, na obra de 2003, os estudos de leitura para nosso século deveriam considerar a convergência de mídias, as mudanças teóricas necessárias para lidar com isso; a possibilidade atual de os/as usuários/as fazerem alterações no que leem/consomem, isto é, usos transformativos e agentivos dos recursos; assim como compreendermos e estudarmos mais o design e a produção de sentidos (*sign-making*), mostrando a importância disso, sem desprezar a pergunta: “Quais práticas do passado existirão e servirão no futuro?”

Em diversos pontos da obra de 2003, Gunther Kress aborda as “trilhas de leitura” nos livros tradicionais e suas possibilidades no texto multimodal, o que coloca questões interessantes, tanto do ponto de vista da produção quanto do consumo desses objetos. Não basta, portanto, pensar o leitor sem o objeto, ou o objeto isento de sua instância de produção.

Hoje, mais do que nunca, estão todos interligados, numa conexão que pode ser mais explícita do que já foi, quando a produção de um livro era mais unidirecional do que parece ser hoje. O trecho a seguir ajuda a construir hipóteses sobre a leitura antes e agora, diante de novas possibilidades nas telas:

Uma avaliação inicial feita pelo leitor no início da leitura mostra como o texto deve ser lido - como uma página de tipo antigo ou uma tela (ou página) de tipo novo - não depende de uma decisão idiossincrática, de uma resposta individual. Isso tem muito ou tudo a ver com a socialização do leitor em um ambiente midiático particular e as valorizações da mídia (livro ou PC, por exemplo) e dos modos (escrita ou imagem, por exemplo) nesta paisagem midiática. Dependendo da avaliação, lógicas diferentes serão aplicadas, assim como diferentes estratégias de leitura. Para mim, socializado na era da página, do livro e da escrita, minha estratégia naturalizada me leva a ver a página como do domínio da escrita, e tratar a tela de forma similar. (KRESS, 2003, p. 164)

Esse tipo de suspeita ou hipotetização, que nos parece mais isto do que uma investigação sistemática, merece lume e atenção. Kress atribuía à sua socialização como leitor o hábito ou a tendência de tratar objetos digitais sob os gestos do impresso, e considerava provável que os muito mais jovens, socializados numa paisagem midiática atual, fizessem diferente, talvez o oposto. Não é possível tratar isso mais do que como hipótese, enquanto não houver evidências científicas, isto é, estudos em Linguagens, Comunicação, Educação e outras áreas, que mostrem essa mudança. Por ora, os trânsitos entre gestos e práticas parecem instáveis, hibridizados, interpolados (RIBEIRO, 2020), até porque as telas dominaram a paisagem, mas não substituíram o livro, em sua função primordial: ler livros/textos.

Kress sabia que são impressos mais livros hoje do que em qualquer época anterior. Dizia isso também quanto aos textos, de modo genérico, considerando as possibilidades infinitas das telas com que lidamos diariamente. Afirmava ele: “Os livros que são publicados hoje são, em muitos casos, livros que foram influenciados pela nova lógica das telas, e, em vários casos, eles não são ‘livros’ como a palavra vinha sendo entendida trinta ou quarenta anos atrás” (KRESS, 2003, p. 7). O professor fazia referência aos livros didáticos, mas podemos estender algumas dessas mudanças a qualquer obra hoje publicada, impressa ou digital. E daí apontamos, de acordo com Kress, a necessidade de rever concepções:

O problema maior não é a mudança em si, mas o fato de que somos forçados a confrontar este mundo de mudanças com teorias que foram desenhadas para dar conta de um mundo estável. Há uma necessidade urgente de teorias que deem conta de nos dizer como compreender a comunicação em tempos de instabilidade (KRESS, 2003, p. 11).

Tais teorias certamente vêm sendo urdidas em várias partes do mundo, enquanto o livro, como objeto de consumo e como elemento ainda bastante central na constelação dos letramentos, precisa ir ganhando tração como um dos objetos de nosso maior interesse. Mesmo o livro não didático, queremos dizer.

Sobre uma concepção de texto, Kress afirma e propõe:

Uma teoria que considere a multimodalidade precisa perceber a necessidade de uma definição usável de *texto*, dado que o sentido presente que temos vem de uma era de dominação da escrita e da dominação do meio livro. Precisamos tornar claro como queremos usar o termo texto e suas unidades internas; precisamos, ao mesmo tempo, ser claros sobre os princípios de organização e formatação dos textos, como a *coesão* e a *coerência*. Há então outros princípios de organização que compõem o texto, acima de todos o *gênero* e o *discurso*. E em um sentido que não é óbvio antes da era das novas mídias de informação e comunicação, é absolutamente essencial agora considerar os espaços e os meios de projeção do texto, acima de tudo a *página* e a *tela*. (KRESS, 2003, p. 36)

Desse seu excerto, que cita o livro como meio e como item de outra era, sugerindo uma hegemonia passada e hoje perdida, podemos destacar uma proposição sobre o texto, num tempo de materialidades projetivas ou projetadas, tanto em telas quanto em páginas, sendo estas também possíveis simulações de espaços não impressos. Segundo esse raciocínio, os suportes ou portadores¹¹ dos textos têm grande influência não apenas sobre como são, serão e circularão (e serão consumidos, vistos, lidos) esses textos, mas também, indutivamente, sobre as teorias que fazem mais sentido hoje, na abordagem dos textos e de seus espaços de projeção e materialização. Ademais, é preciso pensar menos binariamente, ou seja, considerar hibridizações importantes, fusões, amálgamas tecnológicos, especialmente na ponta do consumo e das práticas, que não podem ser analisados com teorias que partam já da ideia de divisão e diferença; miradas capazes de perceber semelhanças, complementaridades e contiguidades talvez sejam mais potentes para o estudo dos objetos editoriais com os quais lidamos hoje. Vejamos mais um trecho de Kress que pode nos ajudar a repensar essas questões, agora nomeando uma possibilidade de mirada como *lógica mista*: “Lógicas mistas são, acima de tudo, um aspecto dos *textos multimodais*, isto é, textos compostos de elementos de modos baseados em lógicas diferentes. Lógicas mistas colocam novas questões: de leitura, mas também de *design* na escrita” (2003, p. 46).

¹¹ Alguns estudiosos diferenciam suportes e portadores, considerando o primeiro como uma superfície mais dedicada ao texto e o segundo, uma não exclusiva. Telas de telefones, por exemplo, seriam portadores, já que várias projeções podem ser lidas/vistas ali. No entanto, o debate não encontra consenso. Para uma discussão sobre o livro, ver Albarrán e Ribeiro (2015).

Formas e consumos

Os dispositivos de leitura e a experiência do leitor parecem ter papel fundamental na proposição de um processo editorial para livros eletrônicos. Questiona-se aqui se, sendo os processos editoriais de livro impresso e e-book em parte diferenciados, além de terem e propiciarem formatos e experiências bastante diferentes, caberia considerar o livro apenas como metáfora do novo produto editorial produzido para ser lido em novos dispositivos. Se os gêneros de texto inscritos/projetados são os mesmos, os objetos não o são, cabendo afirmar que o que caracteriza um livro não são, necessariamente ou apenas, os gêneros que se publicam nele, mas outros elementos de sua materialidade.

A inter-relação gênero/suporte, que já não parecia facilmente explicável nos impressos e manuscritos, torna-se agora mais complexa e dinâmica, com o surgimento de novos ambientes nos quais inscrever ou mostrar textos. Algumas definições de livro anteriormente citadas não exaurem as descrições ou as possibilidades do objeto, isso é certo, mas nenhum dos trabalhos consultados, aqui ou antes, aponta a produção que foge aos suportes com que estamos familiarizados, isto é, não são mencionados livros em pendrives, livros feitos sob a lógica dos *games* (lidos em consoles?)¹², uso de realidade aumentada ou livros com os quais as pessoas interagem em paredes e no chão, assim como costumam ser omitidos os livros de artista, entre outras possibilidades menos típicas ou normalizadas. São essas propostas mais “radicais” que terminam por reposicionar ou deslizar as conceptualizações do livro, mesmo antes das tecnologias digitais; com elas, isso se torna quase uma obviedade, embora ainda haja resistência, acadêmica e no mercado editorial, quanto às materializações do livro digital.

Conforme visto aqui, a *Enciclopédia Intercom* assume como livro um objeto produzido a partir da criação intelectual e seu suporte. Outros autores são mais explícitos em admitir que o livro mude de forma ao longo dos séculos, como é o caso de Araújo (1986), mas a maior parte dos especialistas se concentra na função/finalidade do livro, exprimindo-a como a de um objeto capaz de gravar, fixar ou memorizar (Arlindo Machado citado por QUEIROZ, 2008), comunicar, ensinar, refletir, permitir a evasão (FARIA; PERICÃO, 2008), difundir pensamento e cultura e conservar (FARIA; PERICÃO, 2008; INTERCOM, 2010) ou preservar, expor e transmitir ao longo do tempo (presume-se que sem perda), conforme Haslam (2006).

¹² Algumas iniciativas desse tipo existem, tais como a produção de penbooks pela Ciclope, uma empresa mineira de objetos multimídia ligada à produção literária; e os projetos do professor Francisco Marinho, na Universidade Federal de Minas Gerais, projetados para serem lidos, vistos, jogados e completados pelo leitor, apenas para dar dois exemplos.

Os gêneros textuais, assim como os processos editoriais, sequer são mencionados na maior parte das definições de livro por especialistas da edição, isto é, não se concentra atenção nas relações de interinfluência entre gênero e suporte. O livro, suporte específico, parece enquadrado por aspectos outros, especialmente pela finalidade de tornar perenes as criações textuais do espírito humano, sem deixar de lado questões de formato e tecnologia (manuscrita, impressa ou digital). Os critérios ou parâmetros que definem um livro são bastante flexíveis, mesmo entre especialistas da edição. O e-book não é apenas uma “metáfora” do objeto livro impresso, por falta de renomeação de um novo objeto. Os e-books são livros, propriamente, segundo grande parte das descrições oferecidas por especialistas. As práticas de leitura propiciadas ou provocadas pelos objetos de ler (rolos, códices ou tablets a bateria) não costumam ser mencionadas quando se descreve o que seja um livro. Verbetes e definições se detêm (por vezes se limitam) nos aspectos formais ou funcionais do dispositivo.

A despeito de o “esquema construtivo” (ARAÚJO, 1986) do e-book ter mudado em relação ao impresso (ao menos quanto à natureza da tecnologia que o materializa), isso não interfere em sua configuração mais geral. Segundo um sumário dos autores aqui elencados, um objeto que serve para (1) conservar a memória da criação intelectual humana, especialmente a textual, cujo formato seja (virtualmente ou não) o de (2) páginas e cadernos organizados e divididos, tendo natureza (3) analógica ou digital, muito provavelmente será um livro. A separação atual entre a materialidade e o inscrito, isto é, hardware e software, não discrimina livro e e-book a ponto de torná-los objetos diferenciados entre si. A despeito de serem tecnologicamente diversos, livros e livros eletrônicos são livros, justo em função de terem a mesma finalidade, assim como de, ao cabo, guardarem arquiteturas semelhantes. Mesmo livros eletrônicos para serem lidos em dispositivos dedicados (e-readers, por exemplo) são compostos à maneira dos cadernos costurados que costumavam dar forma e distinguir os livros impressos (e mesmo manuscritos). Não se pode, portanto, falar em substituição ou em extinção, mas em uma genealogia, que, segundo o raciocínio de Queiroz (2008), remonta ao corpo e à memória humanos como “livro ambulante”¹³. Em suma, pode-se dizer que um livro é um livro, seja em que configuração for¹⁴. E, segundo o que vimos propondo, uma maneira de conceber tudo isso de modo a abarcar mais complexidades (e a evitar polarizações quase ficcionais hoje, diante de objetos editoriais tão múltiplos) é justamente conhecer a abordagem multimodal, que vem advogando por uma simetria entre os

¹³ Ideia semelhante é apresentada no livro *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury (publicado em 1953), adaptado para o cinema (com o mesmo nome) por François Truffaut, em 1966.

¹⁴ Importante fazer referência à obra de José Afonso Furtado (2006), publicada no Brasil, que menciona a “metáfora do livro” em alguns momentos.

modos semióticos, assim como a compreensão analítica de eventuais assimetrias organizadas e projetadas. Observar apenas um modo semiótico é sempre ter uma visão parcial do objeto; a proposta é considerá-lo em sua integralidade, levando em conta que cada camada de modos e recursos semióticos contribui para a produção de sentidos.

Passar por desestabilizações, instabilidades constantes ou falsas estabilidades (estas apenas didáticas ou operacionais), tomar de empréstimo a objetos mais antigos alguns traços estéticos e gráficos, reconfigurar espaços e formas, revisar protocolos de uso e práticas de leitura, rearticular sistemas de produção, fazer simulações e obter produtos redesenhados não são novidade. Talvez essa instabilidade, que só se enxerga pelas lentes da “longa duração”, é que mantenha diversificado e vivo o “parque das tecnologias” à disposição do leitor, em especial quanto ao livro.

Notas finais: o multimodal e o bibliodiverso

Há algum tempo temos proposto que a noção de bibliodiversidade, em jogo ao menos desde a virada do milênio, em reação à concentração econômica que quase tornou o mercado editorial mundial um oligopólio (inclusive no Brasil), admita também a natureza tecnológica desse objeto que chamamos de livro (RIBEIRO, 2021). Além de todas as considerações feitas sobre a publicação de livros de temas diversificados, para públicos diversos, catálogos que não se guiem apenas por direcionamentos financeiros, editoras que não atentem apenas ao apelo econômico, a tendências de mercado massificantes, também entendemos que as questões morfológicas e de natureza tecnológica dos livros deva ser admitida, analisada e atendida, já que ela também tem forte impacto sobre as práticas sociais de leitura, isto é, as possibilidades de acesso e consumo de leitores reais. Considerar o livro como tecnologia e à luz de uma abordagem multimodal, a nosso ver, possibilita que o vejamos como item vivo e cambiante de nossa paisagem midiática e comunicacional, evitando passionalidades que levem a uma mirada enviesada do rol de possibilidades que temos hoje, o que também desvia nosso olhar de questões como a diversidade de canais, acessos e práticas de leitura que as pessoas podem ter ou já têm. A abordagem multimodal nos ajuda a não descartar elementos e objetos que, de fato, estão em jogo, mesmo que sejam ainda menos compreensíveis e muito diferentes daqueles a que estamos acostumados.

Referências

ALBARRÁN, Ali; RIBEIRO, Ana Elisa. O livro: questões presentes e futuras. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 16, n. 39, p. 3-18, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://>

- periodicos.pucpr.br/estudosdecomunicacao/article/view/22475/21564. Acesso em: 30 out. 2022.
- ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986.
- CAZDEN et al. **Uma pedagogia dos multiletramentos**. Desenhando futuros sociais. (Orgs. Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; Trad. Adriana Alves Pinto et al.). Belo Horizonte: LED, 2021. Disponível em: <https://www.led.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/275/2021/10/Uma-pedagogia-dos-multiletramentos.pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**. Do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998.
- CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.
- DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. Trad. Daniel Pelizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ECO, Umberto; CARRIERE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**. Da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: EdUsp, 2008.
- GUALBERTO, Clarice. L.; SANTOS, Záira. B. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado da arte. **D.E.L.T.A**, 35(2), p. 1-30, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-460x2019350205>. Acesso em: 30 nov. 2022.
- HASLAM, Andrew. **Book design**. EUA: Abrams, 2006.
- INTERCOM. **Enciclopédia Intercom de Comunicação**. 2010. CD-Rom.
- KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- KRESS, Gunter; VAN LEEUWEN, Theo. Front Pages: (The critical) analysis of newspaper layout. In: BELL, Allan; GARRET, Peter. (Eds.) **Approaches to media discourse**. Blackwell Publishing, 1998. p. 186-219.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theodore. **Multimodal discourse**. The modes and media of contemporary communication. London: Hodder Arnold, 2001.
- KRESS, Gunther. **Literacy in the new media age**. London: Routledge, 2003.
- KRESS; Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images**. The grammar of visual design. 2 ed. London: Routledge, 2006.
- MARTINS, Jorge. **Profissões do livro**. Editores e gráficos, críticos e livreiros. Lisboa: Verbo, 2005.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Sem modo avião: jovens e leitura de livros, hoje. **Comunicação & Educação**, USP, ano XXV, n. 1, jan. jun. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/159026/167361>. Acesso em: 4 jul. 2021.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Anotações sobre literatura em novas mídias móveis. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 107-114, jan./jul. 2010. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/10/anota%C3%A7%C3%B5es-sobre-literatura.pdf>.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela. O que é, hoje, um livro? In: MARTINS, Aracy A. et al. (Orgs.). **Livros & telas**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010a.
- RIBEIRO, Ana Elisa. O que é e o que não é um livro: suportes, gêneros e processos editoriais. In: VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DOS GÊNEROS TEXTUAIS, 2011, Natal. **Anais**. Natal: UFRN, 2011. v. 1. p. 1-10.
- RIBEIRO, Ana Elisa. O que é e o que não é um livro: materialidades e processos editoriais. **Fórum Linguístico** (UFSC. Impresso), v. 9, p. 333-341, 2012.
- RIBEIRO, Ana Elisa. **Livro - edição e tecnologias no século XXI**. Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2018. (Coleção Pensar Edição)

RIBEIRO, Ana Elisa. Livro, hoje. Multiversidade e aspectos tecnológicos. In: DEAECTO, Marisa Midori; SOREL, Patrícia; KALIL, Livia (Orgs.) **Bibliodiversidade e o preço do livro: da lei Lang à lei Cortez: experiências e expectativas em torno da regulação do mercado editorial (1981-2021)**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa; BARBOSA, Amanda Ribeiro. Poemas de Brinquedo: com quantos adjetivos se faz um livro no século XXI? In: GOBIRA, Pablo. **Anais do VI Seminário de Artes Digitais (SAD) 2020/2021**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2021. Disponível em: <<https://seminariodeartes-digitais.weebly.com/anais.html>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

SATUÉ, Enric. **Aldo Manuzio**. Editor. Tipógrafo. Livreiro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

UNESCO. Institute for Statistics. **Book**. Disponível em <http://www.uis.unesco.org/ev.php?ID=5096_201&ID2=DO_TOPIC>. Acessado em 9.6.2011.